Revista Círculo Piaga

nº01 - Janeiro/2026

Janus, o senhor dos novos ciclos.

REVISTA CÍRCULO PIAGA

Direção Geral, Edição e Diagramação: Dom Rafael Nolêto
Textos desta edição: Dom Rafael Nolêto
Imagem da Capa: Deus Janus em altar com flores e moedas (fotografia com intervenção de IA).
Esta publicação é uma iniciativa da Associação Círculo Piaga, com o selo editorial da Biblioteca da Vila Pagã.
Contato: rafaellugh@gmail.com
Jornalista Responsável: Rafael Nolêto (DRT 1836 PI)

SUMÁRIO

03. Editorial
04. Calendário Politeísta - Janeiro
06. JANUS. De Roma ao Brasil: o Senhor de Duas Faces
10. Herbário Piaga: Abre-caminho
12. Prece das Portas Abertas
14. Espiritualidade e Compromisso
17. O Eixo Sagrado do Piaganismo
18. Galeria Piaga

REALIZAÇÃO:

VILA PAGÃ
PIAUÍ - BRASIL

BIBLIOTECA DA
VILA PAGÃ

DEVOTIO, NEXUS ET ACTIO

EDITORIAL

Salve Nobres almas!

Com as bênçãos de Janus, abrimos esta primeira edição da Revista **Círculo Piaga** como quem atravessa um portal: de um lado, o acúmulo de experiências, estudos, ritos e sonhos que nos trouxeram até aqui; do outro, um caminho novo, com mais clareza, método e compromisso com aquilo que desejamos edificar. Janeiro é o mês das passagens, e não haveria guardião mais adequado para inaugurar este marco editorial do que o Deus Janus, aquele que contempla o passado que nos formou e o futuro que nos chama à responsabilidade.

Esta revista nasce como um **instrumento de fortalecimento** do nosso movimento, não apenas no entusiasmo da fé, mas trazendo mais solidez para que a própria comunidade compreenda melhor todo o movimento. Queremos contribuir para a **formação intelectual** do politeísmo brasileiro, oferecendo reflexão, repertório cultural, estudo e linguagem acessível, sem abrir mão da seriedade. Em um tempo de barulho, opiniões apressadas e rótulos fáceis, escolhemos a via mais difícil e mais necessária: a **via da profundidade**. Uma tradição forte não se sustenta apenas com emoção; mas sim com consciência, disciplina e visão de longo prazo.

O Círculo Piaga se propõe, aqui, a conectar o devoto e o simpatizante àquilo que dá raiz ao sagrado: a memória simbólica, a ética, a beleza ritual, a história, o território, a cultura e a responsabilidade com o que se transmite.

Este editorial é, portanto, um convite para que você venha participar deste novo ciclo conosco. Iniciamos aqui um ciclo de estudo e de prática, de contemplação e de ação, de reverência e de construção, com votos de que cada edição seja como uma chave: abrindo portas, iluminando caminhos, ordenando o espírito e orientando a comunidade.

Nesta primeira edição, ao escolher **Janus** como tema, afirmamos um princípio: toda nova etapa exige rito de passagem, limpeza de excessos, revisão de prioridades e, sobretudo, decisão. Janus não é apenas “o deus do começo”; é o deus das escolhas sábias, dos projetos bem estruturados, do limiar onde o homem deixa de ser conduzido pelo acaso e passa a conduzir sua própria caminhada. Que esta revista, então, seja também uma forma de ordenar o nosso tempo, reafirmar o que é essencial e dar nome ao que estamos construindo: um politeísmo brasileiro forte, consciente, comunitário e enraizado.

Sejam bem-vindos a este novo ciclo. Que as portas se abram com dignidade. Que as fragilidades sejam corrigidas. Que o que for verdadeiro se firme. E que, com a graça de Janus, a Revista Círculo Piaga seja, mês após mês, um ponto de encontro entre fé e inteligência, entre tradição e continuidade. Aweté.

Dom Rafael Nolêto
Sacerdote Piaga

Calendário Politeísta
Janeiro

1 de janeiro — Kalendas de Janeiro (Janus) / Abertura do Ano
Na tradição romana, o início do ano civil (Kalendas) é um tempo de passagens e bons augúrios, com oferendas e votos por um ciclo próspero sob a tutela de Janus, guardião dos limiares e dos recomeços.

2 de janeiro — Inanna, Rainha do Céu e da Terra (Mesopotâmia – Linha do Oriente Médio)
Dia devocional presente em alguns calendários neopagãos para reverenciar Inanna (Suméria/Mesopotâmia), associada a amor, poder, transformação e aos grandes mistérios do destino. (Não é uma data litúrgica padronizada da Antiguidade; uso contemporâneo.)

9 de janeiro — Agonália (Piaganismo – Linha Romana)
A Agonália é um rito romano celebrado em 9 de janeiro em antigos calendários, associado a sacrifício/consagração ritual (interpretações variam). No piaganismo, pode ser inserida como marco de abertura e ordenação do ciclo sob a chave de Janus e dos começos.

11 de janeiro — Carmentalia (Linha Romana)
Festa romana dedicada a Carmenta, ligada a partos, profecia e proteção — tradicionalmente observada por mulheres. (Há dois dias de Carmentalia: 11 e 15 de janeiro.)

14 de janeiro (às vezes 15) — Makara Sankranti (Linha Hindu)
Festival solar que marca a transição do Sol para o signo de Makara (Capricórnio) e o início de um período auspicioso (Uttarayana). Em 2026, muitas fontes situam em 14 de janeiro, embora haja contextos locais em que se observe no dia seguinte por regras religiosas específicas.

17 de janeiro — Honra das Macieiras (Wassailing / tradição popular britânica - Linha Celta)
Celebração tradicional para "acordar" os pomares e pedir fertilidade e boa colheita, com cantos, brindes e ritos de proteção. Pode ocorrer na Twelfth Night (5 jan) ou na Old Twelvey Night (17 jan).

23 de janeiro (início do período) — Þorri / Temporada de Þorrablót (Islândia – Linha Nórdica)
O Þorrablót é uma temporada de banquetes e brindes durante o mês antigo de Þorri, que vai de fim de janeiro a fim de fevereiro (com datas variáveis). Para 2025–2026, há fontes situando o início de Þorri em 23 de janeiro de 2026.

23 de janeiro — Dia de Hathor (Linha Egípcia – devoção)
Em alguns calendários neopagãos modernos (keméticos e afins), 23 de janeiro é usado para honrar Hathor, deusa ligada a amor, alegria, beleza, música e acolhimento. (Observância contemporânea; não é consenso histórico único.)

24 a 26 de janeiro (e sequência no início de fevereiro) — Sementivae / Feriae Sementivae (Linha Romana)
Conjunto de observâncias romanas ligadas ao tempo de semeadura, honrando Tellus e Ceres. Importante: é uma feriae conceptivae (data "concebida"/definida), com variações; há tradições que situam ritos de Tellus em 24–26 de janeiro, e parte ligada a Ceres no começo de fevereiro.

27 de janeiro — Up Helly Aa (Shetland, Escócia – festival de fogo | Linha Nórdica)
Grande festival de fogo de Lerwick, com procissão de tochas e queima simbólica de galera, celebrando herança nórdica local. Em 2026, a data anunciada é 27 de janeiro.

DE ROMA AO BRASIL: O SENHOR DE DUAS FACES

O Deus dos limiares como patrono do novo ciclo brasileiro

Entre as divindades que atravessaram séculos sem perder o seu vigor simbólico, Janus ocupa um lugar singular. Em Roma, ele é contado entre os Deuses *Indígetes*, termo usado para designar as divindades itálicas nativas, enraizadas na formação espiritual do povo romano.

Antes da ampla adoção de deuses gregos sob o manto da *interpretatio*, Janus já era reconhecido como força antiga e soberana, ligado às estruturas fundamentais da vida civil: o início, a ordem, o rito, a passagem, a fundação. Por isso, ao falarmos de Janus no culto piaga, não tratamos apenas de um "guardião de portas", mas de um Deus civilizador, um patrono de empreendimentos, e um princípio espiritual que ensina como construir com consciência e consistência.

A tradição mítica relata que Janus teria vivido como rei lendário nos primórdios de Roma, governando ao lado de Câmeses, soberano mítico ligado a um período de fundação.

Outras versões o apresentam como um herói sábio, vindo da Tessália, na Grécia, que encontrou refúgio na Itália e ali foi acolhido fraternalmente por Câmeses, com quem compartilhou governo, amizade e as artes da civilização.

Foi nessa etapa primitiva e simbólica que Janus teria fundado uma das sete colinas, a qual recebeu o nome de *Ianiculum* (Janículo), marcando o território com a memória do fundador. Esse traço é importante: Janus não é apenas um deus "abstrato", mas uma divindade ligada a solo, fundação e organização de um espaço humano.

Sua mitologia também o apresenta em relações familiares e divinas. Fala-se de sua união com Tessália (Câmise/Camasene), com quem gerou filhos, dentre os quais Tibre, que dá nome ao célebre rio. Em outra união, com a ninfa Juturna, nasce Fons (*Fontus*), divindade das fontes. Esses vínculos apontam para uma dimensão essencial do Deus: Janus é Senhor dos fluxos, das origens e dos pontos de passagem; sejam eles rios, nascentes, portas, estações ou decisões. Onde existe transição, Janus se faz presente; onde algo começa, ele vem junto.

Uma das narrativas mais emblemáticas de sua trajetória é a que o associa a Saturno. Conta-se que Janus acolheu Saturno após sua derrota para Júpiter, quando este teria fugido em busca de refúgio na Itália. Janus, então, reparte o reino do Lácio e estabelece com Saturno uma parceria de governo e fundação. Janus ergue a fortaleza do Janículo, enquanto Saturno funda Satúrnia no Capitólio. A memória desse governo conjunto é descrita como um tempo de liberdade, honestidade, paz e abundância, sinais da mítica *Aetas Aurea*, a Idade do Ouro. A Idade do Ouro, nos mitos, não é um passado perdido, mas sim um ideal civilizatório, um tipo de ordem que pode ser buscada quando a comunidade escolhe a retidão, a disciplina e a vida em harmonia com a natureza.

É por isso que Janus transcende o papel de vigia de portas: ele é o Deus-herói, a divindade civilizadora por excelência. A ele se atribuem invenções decisivas, como a navegação e a cunhagem da moeda, símbolos do comércio, da viagem, do empreendedorismo e da abertura de horizontes. Não por acaso, as antigas moedas romanas de bronze (*aes grave*) traziam a figura de Janus em uma face e, na outra, um barco. Essa era uma forma de Roma dizer ao mundo que o próprio avanço material precisa de um princípio sagrado que ordene o começo e o destino. Janus abre rotas, funda caminhos e abençoa empreendimentos.

Esse prestígio civilizatório se traduz no culto. Para os romanos, Janus era a primeira divindade evocada em orações e rituais, antes de qualquer outra. Esse detalhe é uma chave teológica: evocar Janus primeiro é reconhecer que toda ação humana (pública ou privada) precisa atravessar um limiar: decidir, ordenar, começar. Desde a abertura de um ano até a decisão de uma guerra, desde o nascimento de um filho até a criação de um negócio familiar, as coisas importantes eram colocadas sob sua supervisão. Janus, nesse sentido, é Deus da formalidade sagrada: ele preside aquilo que separa o impulso da ação madura, a vontade da obra, o desejo do compromisso.

Sua iconografia torna essa doutrina visível. Janus é o **Bifronte**, sempre representado com duas faces contrapostas. Essa dualidade traz uma rica mensagem espiritual: uma face vê o que está à frente (o futuro, as possibilidades), enquanto a outra contempla o que ficou atrás (o passado, a origem e as lições). Assim, Janus se torna símbolo de uma sabedoria rara: a capacidade de compreender causa e efeito, raiz e fruto, origem e destino. Ele é um Deus que ensina a pensar antes de agir, e a agir sem esquecer o peso do que se pensa.

No caminho piaga, essa mensagem é reforçada. A religiosidade contemporânea, por vezes, é tomada pela pressa, por respostas fáceis, por certezas superficiais e por decisões guiadas apenas por emoção. Janus nos chama a uma postura diferente: **olhar os problemas por todos os ângulos, pesar consequências, evitar conclusões precipitadas, cultivar empatia e discernimento**. Sua dualidade não é apenas temporal, mas também moral: ver o próprio ponto de vista e, ao mesmo tempo, ser capaz de enxergar o do outro. Nisso, Janus se torna um mestre silencioso de maturidade espiritual e de convivência comunitária.

Na devoção cultivada na Vila Pagã, Janus aparece frequentemente com suas duas faces e uma chave de ouro nas mãos. Esta chave é o símbolo máximo de seu poder: abrir e fechar portas, reger limiares, permitir ou negar passagem.

No culto piaga, a chave de Janus se interpreta como o direito sagrado de ordenar os caminhos: saber quando iniciar, quando encerrar, quando insistir, quando recuar; saber separar o que é promissor do que é ilusório. A chave de ouro, portanto, representa o governo do destino.

É nesse ponto que Janus encontra, de modo natural, seu lugar no piaganismo, expressão do paganismo brasileiro que busca integrar heranças politeístas europeias (romanas, celtas, nórdicas e outras) com a tapeçaria cultural do Brasil, dialogando com ancestralidades indígenas e com a própria experiência brasileira de construção comunitária. Em um país formado por misturas, travessias e recomeços, Janus se revela patrono evidente. Ele é a divindade que permite olhar para trás sem nostalgia cega e olhar para frente sem deslumbramento vazio. Ele é o Deus do “entre”: entre passado e futuro, entre tradição e construção, entre raiz e síntese.

Por que Janus marca presença tão fortemente no culto piaga em solo brasileiro? Porque sua essência corresponde ao nosso próprio desafio: construir com ordem. Construir uma espiritualidade que não seja cópia servil, nem invenção caprichosa; mas sim um caminho com disciplina, ética, beleza ritual e base comunitária. Janus é o patrono de todo processo sério de fundação. Ele abençoa o novo ciclo, mas exige responsabilidade e compromisso.

No Piauí, essa vocação para a inovação encontrou terreno fértil. A energia de Janus se firmou no Bosque Romano da Vila Pagã e dialoga com o espírito pioneiro de quem decidiu edificar algo novo e significativo: um espaço que é, ao mesmo tempo, lugar físico e laboratório espiritual. A fundação da Vila Pagã em José de Freitas se torna, nesse horizonte, mais do que um projeto: torna-se um marco de travessia, um limiar concreto entre o desejo e a obra, entre a intenção e a construção. É nesse tipo de empreitada ousada, comunitária e exigente, que Janus se manifesta como patrono natural.

Janus, Deus dos inícios e guardião dos empreendimentos, ilumina a coragem de começar e a sabedoria de perseverar. Ele se faz presente na formação de praticantes, na criação de um espaço de convivência e aprendizado, e também na edificação material que dá corpo à comunidade. Em linguagem simples: Janus é a força que protege o caminho quando o caminho ainda está nascendo. Ele não promete facilidade; ele oferece direção. Ele não cria sonhos; ele ensina como torná-los sólidos.

Assim, no culto piaga, Janus é reverenciado como um dos patronos dos sonhos que se materializam. Ele inspira o devoto a olhar para a tradição com respeito e para o futuro com coragem; a compreender que todo grande projeto exige começo, mas também exige método; exige entusiasmo, exige retidão.

Em janeiro - mês que carrega seu nome no calendário - o culto a Janus nos recorda que atravessar portas é destino humano, mas atravessá-las com dignidade é escolha sagrada.

Que o Deus Bifronte guarde nossos portais. Que sua chave de ouro nos conceda ordem interior. E que, sob suas bênçãos, cada novo ciclo do Círculo Piaga seja um começo verdadeiro: firme, consciente e duradouro. Aweté.

“Todo grande projeto exige começo, mas também exige método; exige entusiasmo, exige retidão.”

Herbário Piaga: Abre Caminho

Justicia gendarussa Burm. f. (Acanthaceae)

Entre as ervas mais citadas nas tradições mágico-religiosas do Brasil quando o assunto é **prosperidade, destravamento e "virada de chave"**, a Abre-Caminho ocupa um lugar especial. Ela aparece em rezas, banhos, defumações e pós de firmeza, muitas vezes com o mesmo sentido que se encontra na Umbanda, na Quimbanda e em linhas esotéricas populares: abrir rotas, cortar demandas e chamar oportunidade.

Nome científico

No Brasil, "abre-caminho" não é um nome único: pode designar plantas diferentes, dependendo da região e do terreiro/benzedeira. Ainda assim, uma das identificações mais comuns no comércio de ervas e em listas botânicas por nome popular é:

- Abre-caminho / Quebra-demanda — Justicia gendarussa Burm. f. (Acanthaceae)

Há registros também de "abre-caminho" como nome popular associado a outras espécies em catálogos e levantamentos etnobotânicos.

Na prática litúrgica, isso pede cuidado: se o uso vai além do simbólico (especialmente qualquer uso corporal), garanta a identificação correta da planta.

No contexcto piaga, a Abre-Caminho é uma erva-chave: alinha o devoto com o movimento, com o gesto de atravessar uma porta e sustentar o que vem depois. Por isso, ela se encaixa muito bem nesta edição que dedicamos a Janus, senhor dos limiares. A relacionamos com:

- **Janus**: guardião de portas, começos, transições e retornos. Abre-Caminho funciona como erva que limpa a passagem e reforça a decisão.
- **Guardiões de entradas, portais e encruzilhadas** (na leitura brasileira): onde há caminho, há vigia. Essa erva não é só "atração"; é também ordem, corte do excesso e direção.
- **Prosperidade** (no sentido pleno): caminho aberto é trabalho fluindo, relações desatadas, mente clara e ambiente harmônico.

Esse encaixe com Janus é coerente, porque a erva é tradicionalmente lembrada para "quebrar travas" e restaurar a circulação da vida.

No rito piaga, esta erva pode ser utilizada em:

1. **Banho de folhas** (lustral)
2. **Para antes de um ciclo novo: começo de mês, mudança de casa, assinatura, entrevista, abertura de projeto.**
3. **Pó de firmeza (pó de caminho)**
4. **Uso simbólico:** polvilhar discretamente em soleiras, ao redor de altar doméstico, ou em saquinho de pano no local de trabalho (sem exagero: o sentido é ordem, não "ansiedade de resultado").
5. **Defumação de passagens**
6. **Para "descarregar" ambiente pesado e marcar recomeço**: entrada da casa, escritório, veículo de trabalho.
7. **Água de aspersão** (não ingerível)
8. **Uma infusão leve** para borrifar em portas, janelas e objetos de trabalho (agenda, carteira, caixa de ferramentas, etc.), acompanhada de oração.

Nota de prudência: evite uso interno (ingestão) e tenha atenção a alergias/irritações. Em liturgia, o efeito é simbólico-energético, não um tratamento médico.

Banho de bons negócios

Um banho excelente para abertura de caminhos, vitalidade, prosperidade e estabilidade pode ser feitos com um punhado de cada uma das ervas a seguir, juntas e maceradas:

- Abre-Caminho (*Justicia gendarussa*)
- Manjericão *(Ocimum basilicum)*
- Louro *(Laurus nobilis)*
- Raiz de vetiver (ou dandá da costa)
- Folhas de Dinheiro-em-penca (*Callisia repens*)

Preparo ritual:

1. Em um recipiente, coloque as ervas e macere com as mãos, com calma (o macerar é "dar vida" à intenção).
2. Some 1 litro de água em temperatura agradável.
3. Após seu banho de higiene, derrame do pescoço para baixo, em silêncio ou com uma oração curta.
4. Finalize na porta de entrada da casa (ou diante do seu altar), pedindo a Janus: **"que se abram as portas justas; que se fechem as portas do erro; que eu atravesse com honra."**

Quando usar?

Antes de reuniões importantes, início de mês, ou quando sentir "travamento" repetido (propostas que não andam, respostas que não chegam, atrasos em cadeia).

Prece das Portas Abertas

Ó Janus Pater, Pai dos começos,
Senhor dos limiares e das travessias,
Tu que guardas a porta do mundo e a porta da alma,
Tu que contemplas o que foi e o que será,
escuta a voz do teu devoto diante do portal do destino.
Janus Matutinus, que abres a manhã do tempo,
traz sobre mim a lucidez do primeiro passo,
o ânimo sereno que não se precipita
e a disciplina que sustenta a obra iniciada.
Janus Patulcius, Aquele que abre,
abre-me os caminhos justos,
rompe os nós que prendem minha jornada,
afasta os enganos que vestem o rosto de oportunidade,
e revela-me as portas verdadeiras
as que conduzem ao bem, à ordem e à firmeza.
Tu que carregas a chave dourada,
concede-me o dom do discernimento:
saber quando entrar e quando esperar,
quando avançar e quando recuar,
quando falar e quando calar,
quando semear e quando colher.
Ó Bifronte, de duas faces e uma sabedoria,
faz com que eu olhe o passado para aprender com ele
e o futuro com esperança;
que eu aprenda com o que passou
e não me perca no que ainda não existe.
Ensina-me a ver por inteiro,
a pesar as consequências,
a agir com honra e a decidir com retidão.
Janus Pater, abençoa meus empreendimentos:
os do espírito, os da casa, os da comunidade,
os da terra e do trabalho.

ORAÇÃO A JANUS

Que aquilo que eu iniciar sob tua benção
seja sólido, digno e duradouro;
que minha mão não construa por capricho,
mas por propósito;
não por orgulho, mas por serviço.
Se alguma porta deve fechar-se, fecha-a com misericórdia.
Se alguma passagem deve abrir-se, abre-a com proteção.
Se algum caminho não me convém, afasta-me dele.
E se o caminho é meu, fortalece meus pés.
Diante de ti, Janus Patulcius, eu ofereço
pão e água,
símbolos de sustento e simplicidade,
e te peço:
abre o que é justo,
ordena o que está confuso,
guarda o que é sagrado,
e conduz-me pelo limiar certo.
Que meu ano se inicie com clareza,
meus dias se alinhem com a virtude,
e meus passos encontrem bom destino.
Assim seja, sob tua chave e tua vigília.
Aweté.

Espiritualidade e Compromisso

Há quem sonhe com espiritualidade, mas sem querer compromisso. Querem a força dos rituais, o acolhimento de uma comunidade, o encanto do sagrado; mas rejeitam qualquer disciplina que venha junto. No entanto, se você não gosta de ser cobrado, não suporta regras, não quer prestar contas a ninguém e se incomoda em ser orientado… talvez precise refletir antes de entrar em um caminho espiritual coletivo.

Em qualquer casa séria — seja templo, irmandade ou círculo tradicional — a espiritualidade não é uma aventura individualista. Ela exige entrega, constância e, especialmente, humildade. Porque servir ao sagrado não é um espetáculo de liberdade sem responsabilidade; é um chamado que molda o caráter. E aqui lembro que entusiasmo não é disciplina.

Entusiasmo é chama que aquece, ilumina e inspira, mas disciplina é brasa que sustenta. Há gente que chega com brilho nos olhos, prometendo presença, estudo, devoção, serviço… e desaparece quando percebe que o sagrado não vive de empolgação, mas de postura. A tradição não se mantém com “eu vou”; ela se mantém com “eu estou”, seja nos dias bons, nos dias cansativos ou nos dias em que ninguém aplaude.

No piaganismo, entendemos que ninguém constrói um caminho verdadeiro sozinho. A tradição é como uma árvore antiga: quem chega precisa aprender a respeitar suas raízes antes de sonhar em dar novos frutos. Obedecer normas, aceitar correções, ouvir quem veio antes; tudo isso não é sobre perder liberdade, mas sim sobre ganhar sentido e conectar-se ao Eixo.

A espiritualidade comunitária é diferente da busca pessoal e solitária. Quando nos unimos para manter viva uma fé, precisamos zelar por algo maior do que nós mesmos. Isso inclui horários, tarefas, compromissos, estudos, devoções e até receber advertências quando nos desviamos. Uma casa espiritual não é um palco onde cada um faz o que quer; mas sim um espaço onde todos aprendem a caminhar no mesmo compasso, para que o rito tenha força, o símbolo tenha peso e a comunidade tenha estabilidade.

Nesse ponto, trago uma alusão à imagem de Janus, que guarda portas, inícios e transições. Como um "deus do começo", ele exige olhar para trás e olhar para frente. Quem entra numa tradição precisa encarar o passado com suas próprias limitações, seus vícios, sua impaciência, seu ego; e, ao mesmo tempo, também precisa assumir um futuro: o compromisso de servir, aprender e sustentar. Janus nos lembra que toda entrada tem um preço simbólico: atravessar um portal significa deixar algo para trás, a exemplo da fantasia de "espiritualidade sem dever". Por isso, promessas vazias não servem ao sagrado. "Vou ajudar em tudo", "estarei sempre presente", "podem contar comigo"... palavras como essas são bonitas, mas levianas demais quando não viram atitude.

Quem entra numa tradição precisa encarar o passado com suas próprias limitações, seus vícios, sua impaciência, seu ego. Ao mesmo tempo, precisa assumir um futuro: o compromisso de servir, aprender e sustentar.

Em uma comunidade, o que pesa não é a intensidade com que alguém fala, mas a consistência com que alguém faz. Postura espiritual é pontualidade, é respeito ao rito, é silêncio quando o momento pede silêncio. Postura é presença quando falta gente, é fazer o simples sem reclamar, é ser corrigido sem transformar orientação em ofensa. Postura com maturidade também é saber ouvir um "não", um "ainda não", um "assim não".

Entrar em um caminho espiritual sem estar disposto a ser moldado é como querer tocar um instrumento sem estudar notas, ou querer colher sem jamais plantar. Quem foge de disciplina pode até viver experiências místicas, mas dificilmente ajudará a sustentar uma tradição viva. E, no fim, esse é o teste que separa o visitante do iniciado: **o visitante se encanta com o que recebe; o iniciado honra o que constrói.**

Por isso, antes de pedir um lugar num templo, antes de se dizer parte de uma comunidade, pergunte a si mesmo: estou pronto para servir, aprender e obedecer? Estou pronto para ser chamado à responsabilidade quando necessário? Estou pronto para atravessar o portal de Janus sem carregar comigo o velho hábito de querer tudo do meu jeito? Se a resposta for não, talvez ainda seja cedo para dar esse passo... e tudo bem reconhecer isso com honestidade. A fé compartilhada é uma construção.

Não há espaço para o ego que só quer aparecer, mas não quer servir; que exige respeito, mas não sabe respeitar. É preciso maturidade para perceber que ser parte de uma casa espiritual é, acima de tudo, honrar o sagrado com disciplina, devoção e humildade. Porque a liberdade mais bonita não é a que rejeita limites, mas sim a que escolhe, com consciência, um compromisso que vale a pena. E **todo caminho sério começa assim: com uma porta aberta... e com a coragem de atravessar.**

O Eixo Sagrado do Piaganismo

O conceito de “Eixo Sagrado”, ou “Eixo Piaga”, é a forma como nomeamos o núcleo de fundamentos, gestos de culto e intenções espirituais que todos os piagas reconhecem como comuns. É pelo Eixo que uma comunidade diversa encontra unidade: mesmo com práticas pessoais distintas, cada devoto reencontra um mesmo ponto de convergência, um propósito compartilhado. O Eixo é o centro espiritual que ordena, sustenta e harmoniza as visões e as práticas dentro do piaganismo.

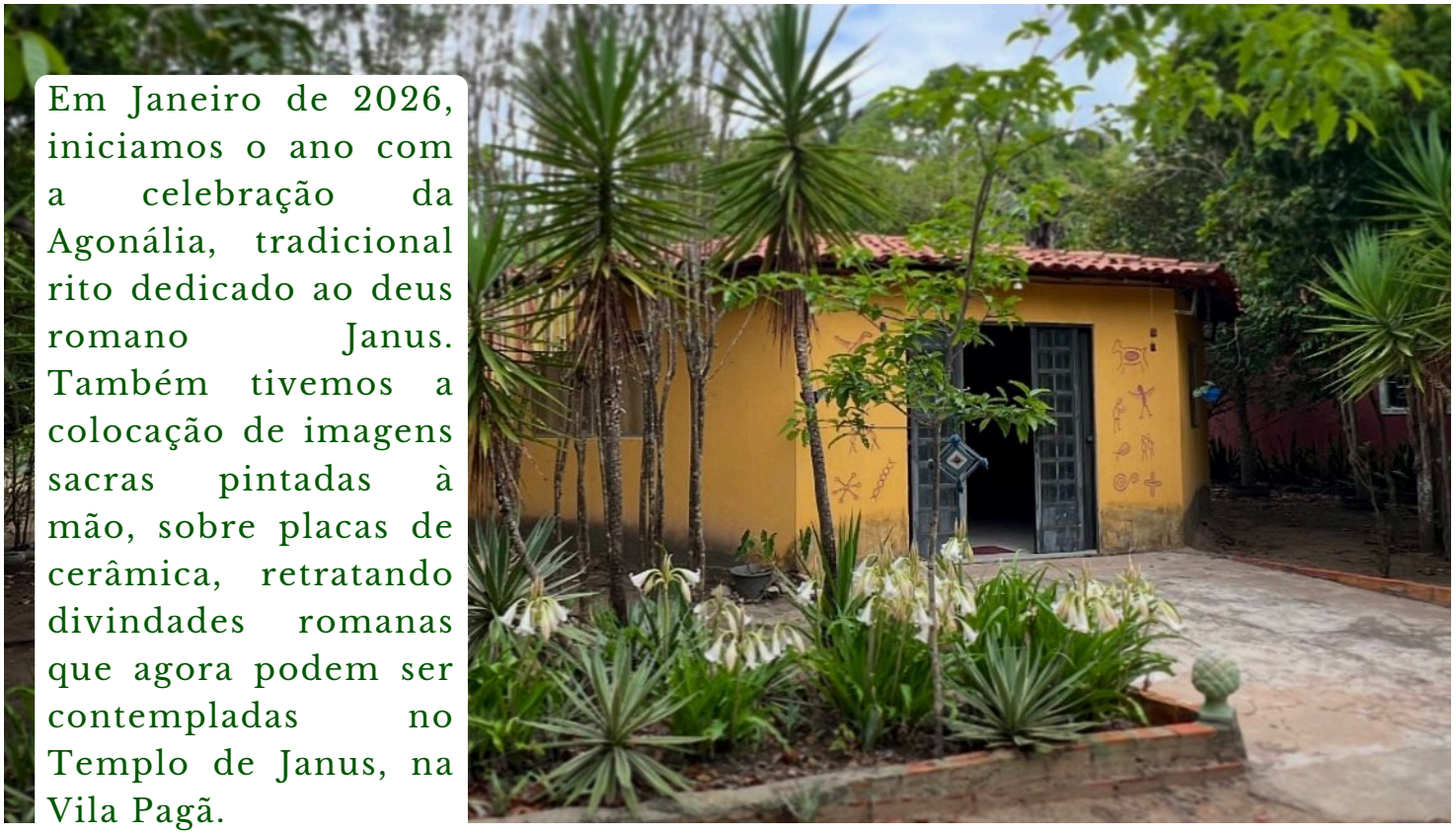
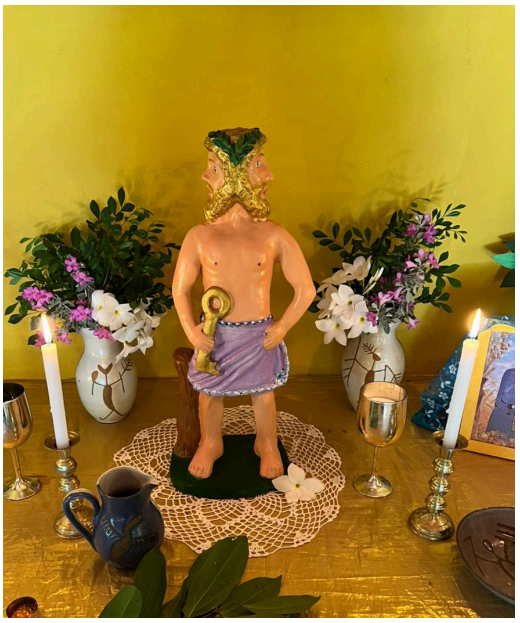
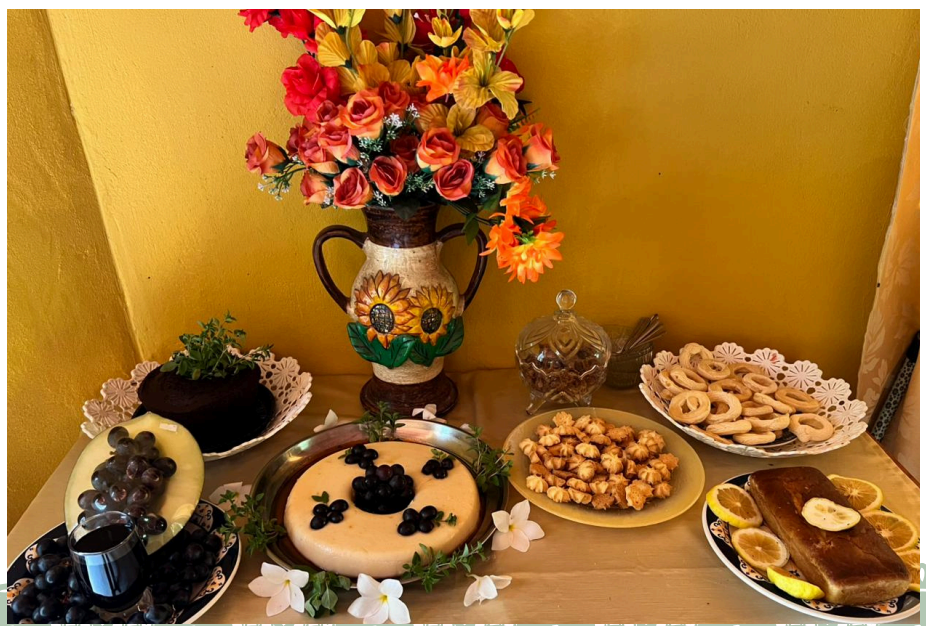
Diferentemente de tradições que confinam o adepto ao culto exclusivo de um único panteão, o piaganismo acolhe uma vivência plural, na qual diferentes Linhas (ou panteões) podem ser trabalhadas dentro de um mesmo rito, sem ruptura de sentido. Isso se torna possível porque, antes de qualquer honraria aos Deuses, o piaga se volta à Corrente da Terra, reconhecendo os ancestrais e os donos da terra. A Corrente da Terra é a raiz viva do nosso Eixo. Com base nesse conceito, ainda que um piaga se dedique com mais afinidade a um panteão específico, como o egípcio ou o celta, ele não se separa daqueles que reverenciam Deuses gregos, africanos, havaianos ou de outras origens. Todos se reencontram no coração do Eixo, naquele instante solene em que a Corrente da Terra é saudada.

É essa convergência que dá coesão ao movimento piaga: o compartilhamento de um alicerce ancestral comum, firme e reconhecido.

O piaganismo não rejeita as raízes diversas do povo brasileiro, ele as honra como herança sagrada. As matrizes indígenas, africanas e europeias compõem a base do nosso sangue, do nosso imaginário e da nossa religiosidade. Separadas, guardam seus contornos próprios. Unidas, pelo solo sagrado do Brasil e pela memória compartilhada, vibram em uma mesma direção: a direção do Eixo, a direção piaga.

Nos ritos piagas, é possível perceber ecos do catolicismo popular, das encantarias indígenas, dos cultos africanos, dos panteões e mitologias clássicas. Essa união não nasce de um arranjo artificial, mas sim de um chamado à reconexão com a alma brasileira. Temos uma alma múltipla, que no piaganismo encontra um centro, uma disciplina e um rumo. Preservar os saberes dos nossos ancestrais não é um mero resgate folclórico: é um compromisso espiritual e moral com aqueles que vieram antes de nós. Por isso, nos rituais, nas palavras e nas práticas, reconhecemos que somos portadores de uma grande responsabilidade: manter viva a memória de um povo e fazê-la caminhar com dignidade, sob o Eixo.

Galeria Piaga

Em dezembro de 2025, marcando o início de um novo ciclo litúrgico piaga, celebramos na Vila Pagã a Festa da Vida, com um belo ritual que envolveu a montagem e entrega de oferenda no Bosque Amazônico. Nossa oferenda foi dedicada à Amanacy, Folharal e aos Deuses que regem a chegada das chuvas.

Em Janeiro de 2026, iniciamos o ano com a celebração da Agonália, tradicional rito dedicado ao deus romano Janus. Também tivemos a colocação de imagens sacras pintadas à mão, sobre placas de cerâmica, retratando divindades romanas que agora podem ser contempladas no Templo de Janus, na Vila Pagã.